

Maio  
Junho  
1974



***"Daquele Dia  
e Hora  
Ninguém  
Sabe" — P. 12***

**O**  
**MINISTÉRIO** adventista

---

# DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

QUASE todas as igrejas cristãs estão vendo moverem-se os seus fundamentos. Em algumas delas o problema é doutrinário; em outras é provocado pela atitude de suas bases ou de sua direção em relação com a justiça social, a política, a violência, etc. Outras há ainda cujos problemas se devem à revisão e mudança de seu programa geral de ação.

É particularmente significativa a mudança de posição das organizações no que se refere à evangelização. Enquanto a maioria das igrejas protestantes fazem declarações e tomam votos relacionados com problemas sociais, a igreja católica pareceria estar voltando os olhos para a evangelização. A igreja batista, outrora campeã em tarefas públicas de pregação, em troca está vendo o seu entusiasmo estalar-se contra as dificuldades próprias da época e a aparente apatia do público, o que a tem feito cerrar-se em seu esforço evangélico.

Que ocorrerá com a igreja adventista no futuro em relação com tão importante tarefa? Há os que falam do processo que nos tirou da condição de seita para transformar-nos em igreja, o que traz consigo uma mudança no enfoque dado a atividades e problemas. Dentro desse processo corresponderia a substituição do evangelismo combativo, de ataque às fortalezas do mal do passado, por um evangelismo mais suave, que não ponha o obreiro em conflito com os pregadores de outras crenças. "O primeiro é próprio da seita, o segundo da igreja", pareceria ser o conceito.

Um exame minucioso de nossa história nos revela que isto pareceria estar acontecendo em certas áreas do campo mundial. A Divisão Norte-Americana, por exemplo, teve em épocas passadas homens como Schuler, Harris, Boothby, Roy Allan Anderson e outros, os quais sacudiram cidades com seus tabernáculos desmontáveis, tendas ou auditórios. Boothby, por exemplo, teve 500 conversos numa campanha realizada em Cincinnati, Ohio, em 1941, número que não foi superado nos EE. UU. até hoje como fruto de uma só campanha. A partir de 1955, contudo, segundo Harold V. Weeks em seu livro *Adventist Evangelism in the Twentieth Century*, cap. 16, o estilo e o enfoque das campanhas sofreram uma reviravolta: iniciou-se a era das campanhas cur-

tas, de uma, duas ou três semanas, realizadas em tempos e com o propósito de levar à decisão os que já tinham conhecimento da verdade. Não era então a campanha em si o que despertava interesse e arrastava o povo, mas visava conduzir à decisão da verdade os que já tinham vindo a nós. O crescimento da igreja, quando este sistema é praticado, é mais vegetativo, agregando-se a ela os filhos de lares adventistas e associados. É este, em linhas gerais, o sistema atual naquela divisão, ficando com o antigo sistema quase que exclusivamente os evangelistas de raça negra.

Faz alguns anos fez-se uma pesquisa entre pastores e evangelistas, tendo como finalidade conhecer as tendências atuais no que se refere ao evangelismo público. Consultados sobre o possível aumento ou diminuição no número de evangelistas no futuro, 227 responderam. 102 deles opinaram que haveria diminuição, enquanto 99 criam que aumentaria. Entre as razões expostas como fundamento de sua posição, 37 do primeiro grupo citaram a falta de êxito; 30 a vida dura do evangelista; 19 a falta de apoio ao evangelismo público; 15 a necessidade de especialistas realizarem o trabalho, e 14 entendiam que a preferência geral é para tarefas administrativas, departamentais ou pastorais. Os que criam que o evangelismo público receberia um impulso no futuro, deram como base de sua opinião o seguinte: imperativo profético da igreja, 68; desejo de resultados visíveis de seu trabalho, 24; maior ênfase dada pela igreja, 10. (Obra citada, pp. 286, 294.)

Qual é nossa situação na América do Sul? Em certo sentido há mais facilidades hoje. A tenaz oposição católica quase não existe mais, dando lugar a uma franca tolerância e regular convivência com os adventistas em suas atividades evangélicas. Há meios econômicos mais abundantes para financiar as campanhas. Há obreiros com melhor preparo acadêmico para enfrentar situações onde se requiera mais elevada cultura.

Há hoje, entretanto, dois gigantes aos quais precisamos enfrentar: a televisão e o automóvel. O primeiro pode ser uma grande bênção ou constituir-se na maior maldição para o evangelismo. Ela tem deixado vazios os cinemas e os teatros, o que

# CRESCERÁ OU

permite conseguir-se lugar mais facilmente hoje do que algumas décadas atrás, e isto tanto nas facilidades de aluguel como em qualidade de local. As possibilidades de pregação por meio da TV farão que nossa mensagem chegue a lugares até então inacessíveis. Lamentavelmente, porém, os preços são tão elevados que essa possibilidade fica praticamente fora de nosso alcance. Ademais, uma razão similar a que levou ao encerramento de cinemas e teatros, motiva hoje também a ausência da evangelização pública em grande escala em muitos centros de população densa: o complexo da vida moderna, com suas tensões e lutas, torna mais cômoda a poltrona da sala, de onde se vê mais facilmente toda a cena, do que dar-se ao incômodo de sair para uma reunião, por mais interessante que ela seja. Em termos gerais, pode-se prever a assistência numa série de conferências, contando-se as antenas de televisão nos telhados das casas. A isto podemos acrescentar dois fatos importantes: o horário em que geralmente se desenvolvem nossas reuniões evangélicas é aquele em que se apresentam os mais atraentes programas de TV, transmitidos muitas vezes via satélite, ao vivo, dos lugares mais distantes da Terra, e não raro em cores.

Outra bênção da tecnologia, que em alguns lugares prejudica a tarefa de evangelização é — embora pareça raro — o automóvel. Embora facilite a movimentação para o lugar de reuniões, na prática ele leva os seus possuidores a lugares de turismo, praias ou passeios, notando-se já em centros como Buenos Aires, Santiago, Lima e outras grandes cidades, uma diminuição na assistência média a reuniões de evangelização.

Graças a Deus, que o êxito da obra não depende só das boas ou más condições exteriores que tenhamos de enfrentar, já que esta obra pertence a Alguém que não está limitado a situações criadas pelo homem. Contudo, a tempera dos instrumentos humanos deve ser maior quando maiores são as dificuldades. "Satanás está operando com todo o seu poder para aumentar as dificuldades de nosso caminho". "Lançará mão de todo recurso para obstruir os caminhos dos mensageiros do Senhor, de modo que não possam fazer aquilo que lhes é possível fazer agora". — *Evangelismo*, pp. 24, 25.

Na América do Sul estão surgindo novamente as carpas (tendas) para evangelização pública. Há carpas grandes e pequenas em funcionamento, tanto para abrigar mil como cem ouvintes. Todas trabalham ativamente. Há uma grande quantidade de obreiros tomando o arado das mãos dos que foram para outros continentes, ou dos que por diferentes

razões saíram das primeiras filas para aceitar outros trabalhos dentro da obra. Vemos, portanto, o futuro imediato, com verdadeiro otimismo.

O futuro da evangelização dependerá, pois, muito mais de nossa atitude do que das circunstâncias favoráveis ou adversas que tenhamos de enfrentar. Se deixamos de crer em nossa missão como igreja, o evangelismo morrerá; mas se sabemos por que existimos, o evangelismo estará sempre pujante.

Destaquemos finalmente que o elemento-chave em tudo isto é o administrador do campo (Associação, Missão, União, Divisão e Assoc. Geral). Seu conceito sobre evangelização se refletirá até o último recanto do campo que administram. O Pastor Roberto Pierson deu um impulso espetacular à evangelização, logo após assumir a direção da organização em 1966. Já nas reuniões finais de Detroit, quando foi eleito, podia-se perceber o ar renovado no seio da igreja. Pouco depois, no Concílio Outonal, o Pastor Pierson apresentou sua filosofia, bebida sem dúvida na Bíblia e no Espírito de Profecia, com as seguintes palavras: "Que se noticie ao redor do mundo que os adventistas do sétimo dia não perderam o seu fervor evangélico, o seu sentido de missão . . . Com a ajuda de Deus eletrizemos o nosso povo com um programa de conquista de almas bem pensado e embebido em oração". (*The Ministry*, novembro de 1966, p. 25.) Surgiram assim Missão 72, 73 e 74, "operação de grande alcance destinada a mudar o estilo de vida de um continente de cristãos". (Carta de E. E. Cleveland).

"Meu dever é dizer que Deus está pedindo com fervor que se realize uma grande obra nas cidades. Devem abrir-se novos campos. Homens que conhecem a mensagem e que devem sentir a responsabilidade da obra, têm manifestado tão pouca fé que, devido a essas dificuldades e temores, tem havido descuido por longo tempo".

Devemos mudar esta situação, pois É HORA DE COLHER. Temos hoje três necessidades: homens, meios e o Espírito Santo. Apoie os homens que estão dispostos a pagar o preço da evangelização pública, procurando mantê-los nessa tarefa sem tentá-los com outras responsabilidades que podem ser assumidas por outros. Oremos por eles, pois sua tarefa não é fácil. Apoie os de todo o coração. Ofereçamos também meios econômicos para levar a cabo a tarefa. Mas acima de tudo, oremos juntos para que o Espírito Santo, nossa maior necessidade, caia sobre a igreja na América do Sul.

Assim ajuntaremos uma preciosa messe, e Jesus virá buscá-la. "Amém. Ora, vem, Senhor Jesus". Apoc. 22:20. ●

# DIMINUIRÁ?

# EVANGELISMO — NOSSA OBRA PRINCIPAL

Arno H. Köhler

Evangelista da Associação Sul-Rio-Grandense

---

**“Senhor, usa-me. Faze de mim um ganhador de almas. Envia-me como um evangelista. Faze-me ver o reavivamento. Não permitas que me acomode a um ministério ordinário; livra-me de nada conseguir. Tenho só uma vida a ser vivida, e quero investi-la toda em Tua Causa. Faze-me viver para os outros. Capacita-me a ganhar pessoas perdidas para o Senhor Jesus Cristo. Que Tua bênção repouse sobre o meu ministério!”**

---

**S**ERIA cativante visitar uma igreja do primeiro século e notar o seu programa de evangelismo. Ganhar almas para Cristo era o mais alto ideal de todo crente. Não havia mais elevada honra do que esta. Não havia para os primitivos cristãos maior glória do que transportar almas da escravidão do pecado para a liberdade dos filhos de Deus.

A maravilhosa comissão evangélica não se restringiu, somente, à Palestina. A ordem foi categórica: "Até os confins da Terra". Lemos do Espírito de Profecia o seguinte: "Como os raios do Sol penetram até aos mais afastados recantos do globo, assim designa Deus que a luz do Evangelho se estenda a toda alma sobre a Terra. Se a igreja de Cristo estivesse cumprindo o desígnio de nosso Senhor, a luz se espargiria sobre quantos estão assentados nas trevas e na região da sombra da morte". — *O Maior Discurso de Cristo*, p. 45.

Toda igreja, grande ou pequena, deve ser uma agência evangelizadora, pois do contrário será como um farol cuja luz está extinta. Imaginai o que pode acontecer em alto mar se a luz do farol estiver apagada. Cumpre-nos como ministros, anciãos e membros leigos da Igreja Adventista, reconhecer claramente que se não houver evangelismo em nossas igrejas, elas perderão sua razão de existência.

Por quanto tempo um pescador poderia sustentar-se pescando o único peixe? Por quanto tempo poderia uma fábrica de automóveis manter-se em operação sem nunca produzir um automóvel? De igual sorte precisa a igreja ganhar almas ou deixar de existir. Sua vida disso depende. É para este fim que ela veio à existência.

"Longamente tem Deus esperado que o espírito de serviço se apodere de toda a igreja, de maneira que cada um trabalhe para Ele segundo sua habilidade. Quando os homens da igreja de Deus fizerem a obra que lhes é indicada nos necessitados campos nacionais e estrangeiros, em cumprimento da comissão evangélica, todo o mundo será logo advertido, e o Senhor Jesus retornará à Terra com poder e grande glória. 'É este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as gentes, e então virá o fim'". (S. Mat. 24:14) — AA, p. 111.

A obra de salvar almas eleva-se acima de qualquer outra tarefa, assim como a vida eterna é mais importante que a temporal. Deus confere grande importância a esta espécie de trabalho, colocando-a no topo da lista de trabalho que nos pede que façamos. "A conversão de almas para Deus é a maior e mais nobre tarefa de que seres humanos possam participar". — 7T, p. 52.

O crescimento da igreja e sua prosperidade estão intimamente ligados à causa do evangelismo. Ainda não se descobriu melhor meio de revigorar a igreja, do que a conquista de almas. Ganhemos almas, e a igreja estará repleta de adoradores. Ganhemos almas, e aumentarão os dízimos e as ofertas. Ganhemos almas, e nossas reuniões de oração serão mais freqüentadas. Ganhemos almas, e as matrículas aumentarão em nossas escolas primárias. Ganhemos almas, e teremos mais colportores e mais livros serão vendidos. Ganhemos almas, e a igreja voltará ao seu primeiro amor, esquecendo-se os membros do pecado e da mundanidade. Ganhemos almas, e o púlpito se inflamará de zelo por Cristo e pelas

almas perdidas. Ganhemos almas, e os sermões fluirão aquecidos pelo Espírito Santo. Ganhemos almas, e a localidade, a cidade e o país serão levados a ver o espetáculo maravilhoso de uma igreja sendo incendiada para o Senhor.

Vemos, portanto, que salvar almas é o mais elevado, nobre e santo trabalho de que homens e mulheres são chamados a participar, e o mais importante trabalho deste mundo. Não devemos permitir que coisa alguma nos impeça de realizá-lo. Nossa principal tarefa é tornar conhecido este evangelho do reino, fazendo disso nossa preocupação fundamental.

Tremenda responsabilidade pesa sobre os ombros de cada um de nós. Com a promessa da breve volta de Cristo para redimir um mundo perdido, com a perspectiva de abundante colheita de almas, com a confortadora promessa de poder a tantos quantos se dedicarem a Seu serviço, poderíamos nós permanecer indiferentes a tal apelo? Poderiam nossos corações permanecer frios e alheios ao caloroso chamado, para que todos se tornem tochas de fogo para um mundo frio e agonizante?

Lemos do Espírito de Profecia o seguinte: "Não somente sobre o ministro ordenado repousa a responsabilidade de sair e cumprir esta missão. Todo o que haja recebido a Cristo é chamado a trabalhar pela salvação de seus semelhantes". — SC, pp. 11, 12.

Como nunca na História, devemos trabalhar com fervor a fim de trazer os perdidos a Cristo. Com ânimo no coração e fortalecidos pelo Senhor, devemos traçar planos para um avanço maior e mais rápido. Escreve a Sra. White: "Os que, no dia da batalha, se põem indiferentes na retaguarda, como se não tivessem interesse nem sentissem responsabilidade quanto ao resultado da luta, melhor seria que mudassem de atitude, ou deixassem desde logo as fileiras". — *Id.*, pp. 82, 83. A chama do Evangelho deve agora mesmo ser acesa em nossos corações e arder mais e mais, sendo usada para a salvação de um mundo necessitado.

Certo ministro do Evangelho, desejando ser usado por Deus, em agonia de alma assim orou: "Senhor, usa-me. Faze de mim um ganhador de almas. Envia-me como um evangelista. Faze-me ver o reavivamento. Não permitas que me acomode a um ministério ordinário; livra-me de nada conseguir. Tenho só uma vida a ser vivida, e quero investi-la toda em Tua Causa. Faze-me viver para os outros. Capacita-me a ganhar pessoas perdidas para o Senhor Jesus Cristo. Que Tua bênção repouse sobre o meu ministério!"

Então perguntou: "Senhor, quais são as qualificações para a obra evangélica? Como posso ser usado por Ti? Há condições a satisfazer? Se há, revela-me isso a mim. Que devo fazer? Torna-me conhecidos os requisitos preliminares. Ajuda-me a satisfazer as condições, sejam quais forem, de maneira que não desperdice minha vida. Não devo falhar".

Confiemos mais e mais na grande comissão evangélica, em seu cumprimento e triunfo. Ampliemos diariamente nossa experiência evangélica. Não neguemos a Deus nossos talentos e nosso coração. Levantemo-nos, sob o poder divino, e haveremos de terminar a obra de Deus na Terra! ●

# O Pregador e Seu Lar

W. John Cannon

Redator de "The Adventist Home"

**A** CAUSA de Deus está enfrentando uma crise sem precedentes. Ao olharmos em torno de nós verificamos sem qualquer dúvida que o dragão está irado contra a mulher e faz guerra ao resto de sua semente (Apoc. 12:17). Na verdade, ele está tratando duramente com cristãos e não cristãos também, pois sabe que lhe resta pouco tempo.

## O Coração da Igreja

Naturalmente que as condições do mundo — crime, violência, deterioração moral e outras — são motivo da mais grave preocupação, mas o principal objetivo do inimigo das almas serão os nossos lares. A razão é óbvia: o lar é o coração da igreja. "Uma família bem ordenada, bem disciplinada, fala mais alto em favor do cristianismo do que todos os sermões que se possam pregar". — LA, p. 32. Não admira que Satanás esteja decidido a destruir, ou pelo menos prejudicar, os lares e as famílias do povo de Deus. Os desastrosos resultados dos ataques do inimigo são vistos por toda parte. As estatísticas sobre divórcio nos EE.UU. indicam agora a casa dos 40%. Muitos outros países estão em situação semelhante.

Muitos de nós estão familiarizados com esses sérios problemas, embora tenhamos a tendência de ajeitar nosso manto em torno de nosso corpo e dizer com farisaica convicção: "Graças Te dou, Senhor, porque não sou como os demais homens". Dizemos para dentro de nós mesmos, que isto não poderá acontecer conosco. Excesso de confiança sem o necessário preparo redundará em fracasso. Somos advertidos disto: "Aquele, pois, que pensa estar em pé, veja que não caia". I Cor. 10:12.

Recentemente estive falando com o ex-colega. Ele havia sido um obreiro de sucesso, e era respeitado por todos os companheiros que o conheciam. Veio um dia, porém, em que tudo ruiu. Ele deixou o lar e a família e começou a viver uma vida selvagem. Esta situação ocorre muito mais comumente do que imaginamos. Mas não acontece tão súbito e dramaticamente como possa parecer. Fatores sub-retícius e negligência preparam o caminho.

## Quais São as Armadilhas?

Quais são as armadilhas e as advertências? A armadilha número Um é vista nos excessos de ocupação. Vemo-nos tão envolvidos em nosso trabalho, em novas vocações e invocações que não sobra tempo para o lar. Como a noite segue-se ao dia, é certo que lares onde há esposas solitárias, cujos maridos jamais estão em casa, cedo ou tarde se despedirão contra as rochas.

E quantos filhos solitários não há cujos pais raramente estão em casa? Esses filhos são candidatos em potencial à delinqüência. Se nossos lares e nossas famílias devem ser o que Deus espera que sejam, precisamos arranjar tempo para estar com nossa família. Ao menos um dia por semana devia ser reservado pelo obreiro para estar com a família, para devotar tempo aos interesses familiares. A esposa e os filhos devem saber que os colocamos em primeiro lugar — e devíamos fazê-lo.

## Questão de Prioridades

Isto nos põe face a face com a questão das prioridades. Qual é a seqüência de nossas prioridades? A minha é Deus primeiro, a família em

segundo lugar e em terceiro o resto. Podeis argumentar que vossos deveres vêm antes de vossa família. Não, mil vezes Não! E isto por mais de uma razão.

Primeiro, se nossa família naufragar, nossa influência perante os outros estará destruída. Segundo, nossa missão começa no lar. Um dia, e logo, ser-nos-á perguntado: "Onde está o rebanho que se te confiou?" Será de pouco conforto nesse dia, dizer: "Senhor, eu tenho mil conversos, mas perdi os meus próprios filhos". No caso, porém, de ainda terdes dúvida sobre este ponto, permiti-me remeter-vos para Ellen G. White em *Obreiros Evangélicos*, pp. 204-206. Lede o texto indicado, e vede quão profundamente afeta o trabalho do obreiro fora do lar aquilo que ele é no lar.

O conselho é claro e decisivo. Se escolhemos ignorar as diretrizes do Senhor, será em perigo de nossa própria alma e em prejuízo de nossa família. A ordem de prioridades é Deus primeiro, e a família a seguir. Precisamos manter esta ordem.

### Cortesia

Não é estranho que muitas vezes somos menos considerados para com os sentimentos dos de nossa família do que com os de fora? Então não raro nos desculpamos com nossa rudez em casa, dizendo que aqui somos menos inibidos, e temos o direito de dizer o que pensamos. De fato, há necessidade de evidente honestidade no trato entre marido e mulher. Conferências em família são saudáveis e dignas de louvor, se conduzidas do modo correto e sob as condições adequadas; mas devemos lembrar-nos de que franqueza e grosseria são coisas diferentes. De novo citamos a serva do Senhor: "Há o perigo de deixarmos de dar a devida atenção às pequenas coisas da vida. Não deve haver negligência da parte do ministro em proferir palavras bondosas, encorajadoras, no círculo familiar. . . .

"Não é tanto religião do púlpito, quanto a religião da família, o que revela o nosso verdadeiro caráter". — 5T, p. 161.

Lembrai-vos: "O amor fará aquilo que o argumento não logrará. Mas a petulância de um momento, uma simples resposta ríspida, a falta de cortesia e polidez cristãs em alguma pequena coisa, resultará em perda tanto de amigos como de influência". — *Id.*, p. 121. Nossas graças cristãs e nosso exemplo devem brilhar mais for-

temente no lar do que em qualquer outro lugar da Terra.

### O Culto em Família

Em virtude de sua constante relação com as coisas sagradas, é fácil ao obreiro perder o senso de sua pessoal necessidade de devoção e da importância do culto em família. Em muitíssimos lares cristãos ocorre em relação com culto em família, ou que este seja negligenciado por causa de ocupações, ou se torne uma prática esteriotipada. O culto familiar deve ser uma prática regular cada manhã e cada noite, de modo que traga refrigério à mente e à alma. Deve tornar-se uma delectável experiência para todos os membros da família. Deve ser um momento em que todos na família estejam reunidos e partilhando as plenas bênçãos espirituais. Continua sendo verdade que a família que ora unida permanece unida.

### Integralidade no Lar

Mesmo quando passamos suficiente tempo no lar, pode haver vezes em que não estamos dando de nós mesmos. Um desiludido pai solicitava ajuda para seu filho de dezesseis anos. O jovem era solitário e sentia-se socialmente isolado. Sugeriu ao pai que o rapaz necessitava o seu interesse e seu tempo.

— Não poderia estar mais errado, doutor — ele me disse. — Estou em casa diariamente.

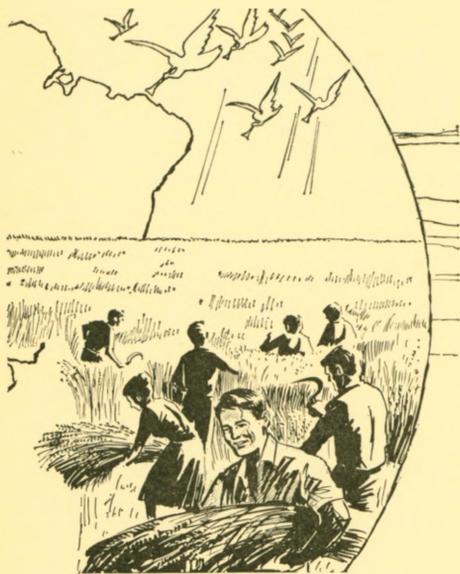
— E que faz quando está com a família? — eu perguntei.

— Bem, vemos TV juntos — ele respondeu.

Parecia que ele chegava correndo em casa, tomava sua refeição da tarde num fôlego e corria para o aparelho de TV. Ninguém ousava dizer uma palavra para não interromper o programa. O jovem ansiava pela envolvente companhia do pai, algo que fosse mais do que simplesmente sua presença.

### Satanás em Atividade

Sim, meu irmão de ministério, Satanás está em atividade, marchando contra os nossos lares (Ver *O Conflito dos Séculos*, p. 580). Cuidemos — vós e eu — que ele não faça uma devastação em nossos lares. Guardemo-los com amor, bondade, cortesia, devoção e integridade em todo o tempo. Se mantivermos nosso lar forte em Deus, não tenhamos dúvida que esse testemunho resultará em uma farta colheita de almas para a igreja. ●



## Evangelização Num Acampamento

EM JULHO do ano passado, e como parte da programação do Ano da Juventude, realizou-se em Morales, Peru, um acampamento dirigido pelo presidente e o diretor MV da Missão do Oriente Peruano.

Entre as pessoas presentes, estava a professora Marta R. Razzeto, que assim se expressou quanto a suas impressões: "Agradeço a Deus por haver-me permitido estar aqui estes dias. Foram sem dúvida os mais felizes que já vivi". E ainda:

"Várias atitudes e acontecimentos me causaram impacto positivo, havendo-me levado a fazer minha decisão de deixar o mundo e seguir a Cristo.

"O mais emocionante foi o batismo. Foi uma inspiração para mim ver tantos a se decidirem por Cristo, e fiz também a minha decisão de passar por esta feliz experiência.

"Admirei também a facilidade que têm os adventistas de conversar com Deus por meio da oração, não com palavras decoradas, mas expressando com suas próprias palavras o sentir de cada

um. Aprendi a comunicar-me com Deus como com um amigo.

"Imediatamente compreendi a fraternidade que existe entre os adventistas. Eles nos ofereceram amizade, confiança, carinho e ajuda espiritual. Procurarei de agora em diante proceder de igual maneira com os outros.

"Os hinos cantados durante o acampamento me inspiraram gozo e felicidade. Senti alegria ouvi-los cantar e em cantá-los também.

"Agradeço a Deus e àquelas pessoas com quem partilhei momentos de tal alegria e inspiração que servirão de norma para a minha vida futura".

1974, É HORA DE COLHER! Que aconteceria se todas as nossas atividades em colégios, hospitais, escritórios, igrejas, acampamentos, estivessem impregnados desse espírito contagioso de fé, esperança e amor pela verdade? Certamente ganharíamos tantas ou mais almas do que as que chegam ao redil por meio dos planos de evangelização.

A principal ferramenta para a colheita de almas é o testemunho vivo de crer e amar a verdade que professamos. Provemo-lo em 1974! ●

# A Cristologia do Apocalipse

MARCIO DIAS GUARDA

Pastor em Taquara, RS

**O** APOCALIPSE, como o próprio nome o significa, é uma *revelação* da história em que, peculiarmente, o revelador é o personagem central, o ponto de referência, sem o qual a história fica destituída de sentido. Daí a grande importância de que se reveste o livro em apreço nestes dias, quando a incerteza do futuro faz morada em cada coração, e mesmo os mais fiéis cristãos ameaçam vacilar. Conhecer a mensagem apocalíptica e manter um bom relacionamento com Cristo — o Revelador — é algo sumamente útil e necessário.

“O Livro é para o cristão um estímulo de fé, um tônico nas provas da vida e uma segurança da salvação em Cristo”. (1)

## II. A Cristologia do Apocalipse

O livro do Apocalipse começa com as palavras: “Revelação de Jesus Cristo”; que tanto em grego como em português podem significar uma revelação dada por Jesus Cristo, ou uma revelação acerca de Jesus.

Alguns comentadores têm optado pela segunda interpretação, justificando que o propósito de João era apresentar o papel de Jesus como o Chefe Invisível da Igreja, que já começava a suportar provações. De fato, o Apocalipse muito se prestaria para infundir confiança e ânimo nos aturdidos seguidores da seita nascente.

Outros, a maioria dos expositores, lembrando a frase mediana do verso 1: “. . . dar a conhecer aos seus servos o que vai acontecer em breve . . .”, preferem entender que a visão veio da parte de Jesus para revelar fatos, profecias relacionadas com o desenvolvimento e problemas futuros da Igreja.

No entanto, ninguém que pensa assim pode

negar que: “. . . de todos os escritos do Novo Testamento anteriores ao quarto Evangelho, o Apocalipse é o que contém a cristologia mais desenvolvida”. (2)

Ainda, continuando a citar de Féret:

“O Livro é inteiramente dominado pela pessoa de Jesus, e de que qualquer outro ensinamento se prenderá a este como um raio a seu foco luminoso.

Na realidade, ele apresenta, quer explicitamente formulados, quer manifestamente pressupostos, os elementos de uma verdadeira síntese cristológica”. (3)

Curioso o emprego, por João, de cifras perfeitas nas referências a Jesus Cristo: Usa sete vezes o termo Cristo, sendo que três delas em oposição a Jesus, que é, coincidentemente, citado catorze vezes.

A seguir serão estudadas as menções cristológicas do livro em apreço sob três aspectos distintos. Primeiramente: Cristo como o “Cordeiro”; o Salvador, o antítipo dos holocaustos. Depois se destaca a assistência constante do Filho de Deus à Igreja em todos os tempos. Como último tópico aparece o Cristo Vencedor, o Rei dos reis para a eternidade.

Por quê? Porque estas três alusões de Jesus Cristo, propositadamente, quiseram ser destacadas na revelação apocalíptica — o Cristo Salvador, o Mantenedor e o Vencedor final. E entre estas alusões encontram-se todos os demais aspectos cristológicos do livro. Também, porque esta tríplice mensagem era o objetivo todo suficiente do Apocalipse: encorajar os crentes com a certeza da salvação, levantar a confiança num Deus Todo-poderoso, Protetor, e animá-los com vislumbres da glória futura.

### III. O Cordeiro

Apenas na literatura joanina é empregado o termo "cordeiro" como referindo-se a Cristo. Só no Apocalipse ele aparece vinte e nove vezes. Por isso e porque os judeus viam tanto significado nessa metáfora, mereceu estudo à parte.

No velho Testamento o cordeiro simbolizava muitas coisas, tais como a mansidão, o sofrimento sem reclamos e o sacrifício expiatório. Também, os judeus costumavam ilustrar a proteção com a figura do "carneiro-guia" que protegia e defendia o rebanho dos animais ferozes.

Em qual destas imagens estaria pensando João, ao usar tão abundantemente o termo?

"Não nos parece sábio procurar determiná-los, quando estudamos essas passagens separadamente, pois a figura do cordeiro resulta de uma série riquíssima de imagens que convergem no NT. É provável que, conscientemente ou não, estejam todos presentes aí. (4)

Apesar dessa dificuldade pode ser notado um caráter duplo no Cordeiro Apocalíptico. Primeiramente é *sacrificial*, como o cordeiro morto desde a fundação do mundo, que com o seu sangue comprou para Deus todos os homens. São exemplos de ocorrências neste sentido: "Lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro", (Apoc. 7:14); também: "Pelo seu sangue nos libertou dos nossos pecados" (Apoc. 1:5). Em segundo lugar é o cordeiro *vencedor* que se dispõe a lutar contra os inimigos do rebanho. Uma destas menções é: "Pelejarão eles contra o Cordeiro, e o Cordeiro os vencerá, pois é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis" (Apoc. 17:14).

Se mui cara e peculiar foi a João essa figura e com quanta fluidez a usou, nunca o fez com maior sublimidade que na descrição da grande apoteose do capítulo cinco.

Tão bem retratada é a obra, o poder e a glória de Jesus Cristo nesse capítulo que o Espírito de Profecia tem uma recomendação especial com respeito a ele:

"O quinto capítulo do Apocalipse necessita ser minuciosamente estudado. É de grande importância para aqueles que desempenham alguma função na obra de Deus para estes últimos dias". (5)

Afora este capítulo, João continua usando intensamente sua figura favorita "por meio da qual o vidente, a seu modo, proclama a verdade do Cristo ressurreto e ascenso". (6)

Que esse objetivo do apóstolo foi alcançado, e mais plenamente pelo uso feliz de imagem tão significativa, não o pode negar quem considerar atentamente a mensagem apocalíptica.

### IV. O Eterno Assistente

Como ficou claro no argumento final do item

anterior, havia a preocupação de assentar bem a verdade de que Cristo ressuscitou e está no Céu zelando pelo bem-estar do Seu "corpo" — a igreja, os cristãos de todas as épocas. De fato, este é um ponto básico, pois, como disse o apóstolo Paulo, "se Cristo não ressuscitou é vã a vossa fé" (I Cor. 15:17).

A recém-fundada igreja, que desde cedo começara a beber do cálice amargo da opressão, Cristo é apresentado como aquele por quem se realiza o triunfo do povo de Deus sobre as nações pagãs.

O eminente teólogo católico, H. M. Féret, comenta o assunto em questão nos seguintes termos:

"Nesse ponto, nenhum outro livro do Novo Testamento é tão evocador quanto o Apocalipse. Não há melhor comentário do que este livro à palavra do Senhor, encerrando o Evangelho de S. Mateus: "Eis que estou convosco, todos os dias, até a consumação dos séculos" (S. Mat. 28:20). Antes de pintar a apoteose de Jesus e de lembrar assim a Sua ascensão ao misterioso Céu da glória divina, a revelação de Patmos julgou necessário manifestar primeiro, em pleno relevo, a Sua presença operante no seio das igrejas perseguidas. Já se vê o que tal mensagem podia possuir de confortável. Fazer sentir a uma tropa que combate a presença do chefe invencível em suas fileiras, é infinitamente mais tônico do que evocar apenas, diante dela, a glória que o rodeia no seu longínquo palácio". (7)

Logo na primeira carta (à igreja de Éfeso, ou, à primeira geração de cristãos) Cristo introduz-Se com a expressão: "Aquele que anda no meio dos sete candelabros" (Apoc. 2:1), mostrando Sua presença entre os candelabros, que, sabe-se, simbolizam as sete igrejas.

Aliás, note-se a afirmação vigorosa de vida e presença eterna na frase: "Aquele que é, que era e que há de vir" (Apoc. 1:4), onde o presente vem em primeiro lugar, acentuando a vida e assistência presente de Cristo.

A insistência em apresentar-Se como operante entre as igrejas pode ser notada ainda nas expressões: "Estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos dos séculos" (Apoc. 1:18; 2:8), e "Filho do Homem" (Apoc. 1:13; 14:14), esta, que tanto Jesus gostava de usar para mostrar o Seu parentesco com a raça humana.

Quão valiosas terão sido estas menções do cuidado de Cristo — o Eterno Assistente — para cristãos primitivos! No entanto, o Espírito de Profecia, reiteradas vezes, tem procurado mostrar que a mesma Mão que amparou a Fé Cristã nos seus primeiros e vacilantes passos, está a atuar com igual desvelo neste arremate da História, não menos dramático que o início.

Quanta coragem, fé e santo temor não teriam os cristãos modernos, se se lembrassem que:

"Aquele que não tosqueneja, que opera continuamente pelo cumprimento de Seus desígnios, há de levar avante a Sua obra. Ele embargará os propósitos dos ímpios e confundirá os conselhos dos que tramam maldades contra o Seu povo. (8)

## V. Rei dos Reis

Não seria completo um escrito apocalíptico, (como é o caso do livro em análise) que apresentasse o Messias apenas como o Salvador e Mantenedor do Seu povo, e olvidasse o final glorioso da História, quando Cristo magnificamente será declarado o Rei dos reis e Senhor dos senhores.

O vidente de Patmos, tão felizmente se referiu à realeza de Cristo, que Féret julgou possível a seguinte comparação: "No Novo Testamento, é a epístola aos Hebreus o grande livro do sacerdócio de Cristo. O Apocalipse é o livro da sua realeza universal". (9)

Segundo alguns, a expressão "Rei dos reis e Senhor dos senhores" foi extraída de Dan. 2:47, quando Nabucodonosor inclinou-se, antecipadamente, ante o grande Regedor do Universo.

A mesma idéia aparece, entretanto, em outros escritos do Novo Testamento, e mesmo entre as palavras de Jesus, quando na Terra. É o caso de "tende bom ânimo, eu venci o mundo" (S. João 16:33), "Deus o exaltou sobremaneira e lhe deu um nome que está acima de todo nome" (Fil. 2:9).

Aliás, essa verdade, apreendida e crida pelos cristãos, torna-se num dos motos mais incentivantes ao crente que, além de tudo que a salvação lhe possa oferecer, quer ter o prazer de ser súdito do maior Soberano.

Nem sempre João, ou qualquer outro profeta, acharam palavras suficientemente claras e precisas para tais descrições; mesmo assim, o que se pode depreender é algo solenemente magnífico — a tomada de posse pelo Soberano Universal e a aceitação dos justos como herdeiros do reino da eternidade.

Ellen G. White, por inspiração divina, descreve o desfecho da história nas seguintes palavras:

"Como que extasiados, os ímpios contemplam a coroação do filho de Deus. Vêm em Suas mãos as tábuas da lei divina, os estatutos que desprezaram e transgrediram. Testemunham o irromper de admiração, transportes e adoração por parte dos salvos; e, ao propagar-se a onda de melodia sobre as multidões fora da cidade, todos, a uma, exclamam: "Grandes e maravilhosas são as Tuas obras, Senhor Deus Todopoderoso! Justos e verdadeiros são os Teus caminhos! Ó Rei dos Santos" (Apoc. 15:3); e, prostrando-se, adoram o Príncipe da vida.

Satanás parece paralisado ao contemplar a glória e majestade de Cristo". (10)

"Tudo isto espera aqueles, nos quais, como disse Comenius, Cristo puder achar 'o trono e o cetro'". (11)

## VI. Conclusão

O presente estudo mostra que ao revelar a história dos santos em todas as épocas, Jesus Cristo — o pivô de toda a História — revelou muito de Si e de Sua obra.

Satanás tem estado interessado em obscurecer tal revelação, por isso tem procurado confundir as mentes humanas quanto à interpretação do Apocalipse. Hoje as opiniões são as mais desencontradas e fantasiosas.

Que cada crente tome tempo para uma investigação mais demorada e sincera da mensagem apocalíptica que traz tanto conforto nesta era de turbulência e esperança em tempos de tão acentuada desesperança.

O Cristo Salvador, o Cristo Mantenedor e o Cristo Rei, de Apocalipse, é pois, a mensagem para a hora, que deve ser vivida e pregada pelos que amam a Deus e buscam salvar-se. ●

## Bibliografia

1. Araceli de Mello. *A Verdade Sobre as Profecias de Apocalipse*, p. 9.
2. H. M. Féret. *O Apocalipse de São João*, p. 62.
3. *Ibid.*, pp. 61 e 62.
4. Alan Richardson. *Introdução à Teol. do Novo Testamento*, p. 225.
5. E. G. White, 9T, p. 267.
6. Richardson, *op. cit.*, p. 227.
7. Féret. *op. cit.*, p. 64.
8. E. G. White. *O Maior Discurso de Cristo*, p. 105.
9. Féret. *op. cit.*, p. 74.
10. E. G. White. *O Conflito dos Séculos*, Vol. IV, pp. 211, 212.
11. John A. Comenius, citado por W. A. V. Hooft em *A Realeza de Jesus Cristo*, p. 18.

---

## MUDOU DE ENDEREÇO?

Para que não se interrompa a remessa de O Ministério Adventista, envie-nos o seu novo endereço. Com todo o prazer continuaremos a atendê-lo.

Nome .....

Endereço anterior .....

Novo endereço .....

Envie a Casilla 286, Montevideu, Uruguai. Associação Ministerial.

# "Daquele Dia e Hora Ninguém Sabe"

DR. Werner Vyhmeister



**E**M 1974 completar-se-ão 130 anos desde o grande desapontamento que, de modo especial, pode ser considerado como o ponto de partida para o que é hoje a igreja adventista do sétimo dia. Durante 130 anos, baseados nas profecias bíblicas, temos estado a pregar que Cristo voltará breve. A primeira geração de adventistas desapareceu, bem como a segunda. A terceira está declinando. Cada nova geração afirma enfaticamente que espera ver a Cristo a seus dias. Temos sido simplesmente uns iludidos? Têm razão os que por décadas nos classificam como alarmistas?

Às vezes parece que encontramos nosso único refúgio em declarações como esta: "Grandes mudanças estão prestes a produzir-se no mundo, e os últimos movimentos serão rápidos".<sup>1</sup> Se o acontecimento tão esperado não ocorreu nestes últimos 130 anos, temos hoje maiores razões para crer que ocorrerá logo?

## Novos Elementos de Juízo

Durante os últimos cinco anos, especialmente, a atenção de muitos cientistas tem sido chamada para o campo da ecologia. Existe uma crescente preocupação por manter o equilíbrio da natureza, cada vez mais ameaçado pelo aumento da popu-

lação e as exigências da moderna tecnologia. Direta ou indiretamente motivados por preocupações ecológicas, têm aparecido vários estudos que, pela primeira vez de maneira concreta, expressam o temor de que nos estejamos aproximando de uma crise global insuperável.

Em janeiro de 1972 a revista britânica *Ecologist* dedicou 22 páginas a um "plano de sobrevivência". O artigo foi endossado por 33 dos cientistas mais destacados da Grã-Bretanha, tais como Sir Julian Huxley (biólogo), C. H. Waddington (geneticista) e Peter Scott (naturalista). Sua mensagem central é que a expansão demográfica e industrial sem restrições produzirá o quebrantamento da sociedade e dos sistemas que o planeta possui para sustentar a vida. Isto ocorrerá possivelmente pelos fins deste século e, sem dúvida alguma, enquanto vivem nossos filhos. As únicas medidas que, segundo esses cientistas, poderiam evitar o desastre, seriam urgentes esforços para estabilizar ou obter uma diminuição da população, e um grande incremento nos impostos pelo uso da matéria-prima. Expressam, todavia, sua preocupação pela falta de interesse mostrada pelos governos, o que poderá provocar a extinção da humanidade.<sup>2</sup>

Outra obra, também aparecida em 1972, ocupa-se do mesmo tema mas de maneira mais



abarcante. É patrocinada por uma das organizações mais prestigiosas de nossos dias: o "Clube de Roma". Fundado pelo Dr. Aurélio Peccei, em abril de 1968, o Clube de Roma conta com cerca de setenta e cinco membros de vinte e cinco nacionalidades diferentes. Entre tais membros encontram-se Alexandre King, diretor geral de assuntos científicos do Escritório de Cooperação Econômica de Desenvolvimento da Grã-Bretanha, Saburo Okita, chefe do Centro de Investigações Econômicas do Japão, Eduardo Pestel, da Universidade Técnica de Hannover, Alemanha, e Carroll Wilson, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts. O Dr. Peccei é um economista italiano vinculado às empresas Fiat e Olivetti, sendo atualmente também gerente da Italconsult, uma firma consultora sobre projetos nas áreas da economia e da engenharia.

Como resultado das primeiras reuniões do Clube de Roma, decidiu-se encargar um projeto singularmente ambicioso sobre o que eles chamaram "Predicamento da Humanidade". O projeto devia examinar os complexos problemas que perturbam os homens em todas as nações, tais como pobreza em meio a riquezas, crescimento urbano sem controle, deterioração do ambiente natural, e outros. A Fundação Volkswagen outorgou ao Clube de Roma a importância

de 250.000 dólares para realizar este trabalho. Dezessete cientistas, de seis nacionalidades diferentes, receberam o encargo de preparar o estudo sobre o "predicamento da humanidade" sob a direção do Dr. Dennis L. Meadows. Este cientista, perito de computadores do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, fez, com sua equipe de cientistas, uso generoso destes modernos recursos para tratar de projetar a situação presente do mundo ao futuro imediato e mediato. No livro *The Limits to Growth*, editado em Nova Iorque, 1972, se apresenta, em síntese, suas conclusões. Espera-se que o livro seja traduzido e publicado numa dezena de idiomas.

### Crescimento Exponencial

A equipe dirigida pelo Dr. Meadows examinou cinco dos fatores básicos que determinam, e em consequência limitam, o crescimento sobre o planeta: população, produção agrícola, recursos naturais, produção industrial e contaminação do ambiente. Dois fatos óbvios, porém nem sempre entendidos, são destacados vez por outra, de diferentes modos, nas duzentas e cinco páginas do livro: (1) estes cinco fatores estão estreitamente relacionados entre si; e (2) não é possível pensar num crescimento indefinido e ilimitado quando só se conta com os recursos de um planeta que tem limites bem definidos.

Outro fato que destacam é que os cinco fatores básicos estudados estão crescendo. Seu crescimento não segue uma progressão aritmética, mas de tipo geométrico, que Meadows prefere chamar "crescimento exponencial". Define-o como porcentagem constante de crescimento do conjunto em um período constante. O crescimento exponencial é óbvio na chamada "explosão demográfica". Lá por 1830 o mundo contava com uns mil milhões de habitantes. Por volta de 1930 tinha dois mil milhões. Se o crescimento seguisse uma progressão aritmética poder-se-ia antecipar que pelo ano 2030 — se o mundo continuasse operando normalmente — haveria três mil milhões de habitantes. Mas que ocorre em realidade? Já em 1970 alcançamos os 3.600.000.000 de habitantes. Se o crescimento exponencial se mantivesse no ritmo presente, dentro de 60 anos, diz Meadows e sua equipe, teríamos uma população de uns 14.000.000.000 de pessoas, e não de apenas 3.000.000.000, em torno do ano 2030.

Quais são os limites do crescimento exponencial? Por um lado estão os limites físicos impostos pelo planeta. Existe somente uma determinada quantidade de terra arável, de matérias-primas, de combustíveis, etc. Por outro lado estão os limites de ordem social. Em que medida poderá uma população crescente resolver os problemas do desemprego, a estabilidade social,

a paz, a educação, etc.? Estas limitações de ordem social são muito mais difíceis de avaliar do que as de ordem física. Com muita prudência, a equipe do Dr. Meadows dedica sua atenção principalmente aos limites físicos do crescimento.

### Os Limites da Produção Agrícola

Ninguém sabe com precisão que proporção da população do mundo sofre hoje de desnutrição. Estima-se, porém, de modo geral, que seja pelo menos um terço da mesma. A produção de alimentos vai aumentando. Mas a produção *per capita* nos países não industrializados, mantém com dificuldade o seu baixo nível.

A terra é a fonte básica da produção de alimentos. Calcula-se que, como máximo, há uns 3.200.000.000 de hectares potencialmente cultiváveis na superfície do planeta. Destes, só a metade, aproximadamente está sendo cultivada hoje. Trata-se de terra mais rica e mais acessível. Para poder cultivar a outra metade, será necessário fazer grandes inversões de capital com irrigação, fertilizantes, etc. O culto médio de pôr em cultivo um novo hectare de terra, é de uns 1.150 dólares. Segundo um informe apresentado pela FAO em 1970, a incorporação de nova terra de cultivo não é econômica, em que pese a grande necessidade de alimento que o mundo hoje experimenta.

Na Ásia Meridional... em alguns países da Ásia Oriental, no Próximo Oriente e no Norte da África... quase não há possibilidade de expandir-se a área arável... Nas regiões mais secas será necessário inclusive voltar-se às pastagens permanentes na utilização da terra inadequada para cultivo. Na maior parte da América Latina e da África, ao sul do Saara, ainda há muita possibilidade de expandir-se a área cultivada, mas o custo é tão elevado que se torna mais econômico intensificar a utilização de áreas já ocupadas.<sup>3</sup>

Por um lado torna-se muito difícil ampliar a área cultivável, e por outro, à medida que aumenta a população, a terra cultivada ou potencialmente cultivável, vai sendo progressivamente ocupada com os elementos vários de uma população crescente. Segundo o Dr. Meadows e sua equipe, ainda que se utilize toda a terra cultivável, já antes do ano 2000 haverá uma aguda escassez de terra. Se se conseguisse duplicar o rendimento por hectare, a crise seria afastada lá para o ano 2025... Devemos repetir, a esta altura, que neste momento só se trabalha a metade da terra cultivável, e que não é econômico o cultivo da outra metade. A crise

alimentar pode, em consequência, apresentar-se muito antes das datas indicadas.

Alguém pode perguntar como é que, havendo disposto durante séculos de terra arável em excesso, repentinamente esta parece acabar-se. A resposta é dada pelo crescimento exponencial que ocorre num espaço finito.

Um fator adicional de complicação, em relação com a produção agrícola, é a disponibilidade de água doce. Em algumas áreas do mundo se chegará à utilização de toda a água disponível antes de haver chegado a ocupar-se toda a terra que teoricamente se considera cultivável.

Pode-se pensar em dessalinizar a água do mar. Pode pensar-se também em aumentar a produção agrícola mediante um maior uso de fertilizantes e pesticidas. Mas tudo isto requer-se inversão crescente de capital. Como o diz Meadows e sua equipe, "nenhuma tecnologia nova surge espontaneamente e sem custo. As fábricas e matérias-primas necessárias para a produção de alimentos sintéticos, o equipamento e a energia necessários para a purificação da água do mar, tudo procede do sistema físico mundial".<sup>4</sup> E muitos desses recursos empregados para aumentar a produção de alimentos, são recursos não renováveis, como os combustíveis e os metais. Quais são os limites destes recursos?

### Os Limites dos Recursos Naturais

Chamamos aqui "recursos naturais" especialmente aos combustíveis fósseis e aos metais. Um informe, publicado em 1970 pelo Concílio sobre Qualidade Ambiental, Washington, afirma:

"Em que pesem alguns descobrimentos espetaculares recentes, ficam apenas uns poucos lugares aonde se pode ir buscar a maioria dos minerais. Os geólogos não se põem de acordo quanto às possibilidades de encontrar novos depósitos de minerais que sejam grandes e ricos. A longo prazo pareceria imprudente depender de tais descobrimentos".<sup>5</sup>

O Dr. Meadows e sua equipe fizeram um estudo dos combustíveis e metais mais usados. Interessaram-se especialmente em determinar quanto tempo mais durariam estes recursos naturais que, por sua própria natureza, não são renováveis. Daremos em seguida uma versão reduzida e simplificada das conclusões a que chegaram. Os anos que aparecem nas três colunas a seguir representam:

I. Duração das reservas hoje conhecidas, se o consumo anual de cada metal combustível se mantiver ao nível de 1970;

II. Duração das reservas hoje conhecidas se o

consumo anual de cada metal e combustível continuar crescendo de maneira exponencial, no mesmo ritmo que nos últimos anos; e

III. Duração de reservas cinco vezes maiores que as conhecidas hoje, se se descobrissem e se o seu uso prosseguisse crescendo de maneira exponencial.

*Recurso Natural*

	I Anos	II Anos	III Anos
Alumínio	100	31	55
Carbono	2300	111	150
Cobre	36	21	48
Gás Natural	38	22	49
Ferro	240	93	173
Mercúrio	13	13	41
Ouro	11	9	29
Petróleo	31	20	50
Chumbo	26	21	64
Zinco	23	18	50

Será inevitável, diz o Dr. Meadows, que à medida que se vão aproximando de seu esgotamento, os recursos naturais subam muito de preço. Ele antecipa que “a grande maioria dos atuais recursos não renováveis considerados importantes, serão extremamente caros daqui a 100 anos”.<sup>6</sup> Com efeito, alguns preços já começaram a subir. O mercúrio, por exemplo, subiu 500% nos últimos 20 anos. O chumbo aumentou 300% nos últimos 30 anos.

Um fator adicional de complicação é que os recursos naturais não estão distribuídos de maneira racional entre as nações do mundo. Fora o problema de sua progressiva desaparecimento, há as questões políticas que podem surgir entre nações produtoras e nações consumidoras. (A crise do petróleo é um típico exemplo.)

**Outros Problemas: Uma Tentativa de Solução**

Para completar o quadro devíamos mencionar também os problemas da crescente produção industrial e da contaminação ambiental. Mas talvez baste o que temos comentado. O fato é que, depois de examinar a situação atual do mundo e projetá-la para o futuro com a ajuda de computadores, analisando toda possibilidade imaginável, Meadows conclui: “Todas as projeções de crescimento terminam em colapso”.

Que solução o Dr. Meadows e sua equipe oferecem? Sugerem chegar a um estado de “equilíbrio global” caracterizado por:

- a. Estabilização da população.
- b. Estabilização (não aumento) da produção industrial.
- c. Diminuição da contaminação ambiente.
- d. Modificação das preferências da sociedade, que poria mais ênfase em serviços (educação, saúde, etc.) do que em bens materiais manufaturados.

Mas eles mesmos reconhecem que isto será bem difícil. Por exemplo, no que respeita ao

crescimento demográfico, se para o ano 2000 (quando o mundo teria 5.800.000.000 de habitantes) se chegasse ao ideal de que cada família não tivesse mais de dois filhos, nascidos até essa data, a população mundial haveria de estabilizar-se em torno dos 8.200.000.000 de habitantes. Por outro lado, isto supõe que todos os países do globo iniciarão a aplicação maciça, total, de um plano efetivo de controle da natalidade a curto prazo, de modo que esteja em vigência para o ano 2000. Se o passado pode orientar-nos de algum modo, podemos prever desde já que a humanidade dificilmente atuará de maneira tão fria e racional.

Estabilizar a produção industrial, para poder conservar por mais tempo os recursos naturais não renováveis, é também altamente improvável. Os habitantes das nações industrializadas não quererão renunciar ao seu alto nível de vida. Isto significaria pedir às nações em desenvolvimento que se conformem em ficar onde estão, indefinidamente, sem aumentar em população e sem esperar poder chegar alguma vez a ter as comodidades que outras nações possuem. Tentar impor uma igualdade global pela força é simplesmente ridículo. Mesmo a estabilização da produção industrial, se chegasse a produzir-se, só retardaria o colapso final.

Conquanto Meadows e sua equipe procurem concluir com uma nota otimista, esse parágrafo final admite explicitamente a possibilidade do desastre:

“Suspeitamos, baseados em nosso conhecimento atual das limitações físicas do planeta, que a fase de crescimento não pode continuar por outros cem anos. . . .

“Se há razões para estar muito preocupados, há razões também para ter esperança. O limitar deliberadamente o crescimento pode ser difícil, mas não impossível. . . . O homem possui, durante um breve instante de sua história, a mais poderosa combinação de conhecimento, ferramentas e recursos que o mundo jamais viu. Dispõe de tudo o que é fisicamente necessário para criar uma forma totalmente nova de sociedade humana — formada para durar por gerações. Os dois ingredientes que faltam são um alvo realista, um prazo longo, que pode guiar a humanidade para o alcance da sociedade em equilíbrio, e a vontade humana para alcançar esse alvo. Sem um alvo tal e a determinação de alcançá-lo, a preocupação com assuntos a curto prazo gerará o crescimento exponencial que levará o sistema mundial aos limites da possibilidade da terra e ao colapso final. Com esse alvo e a determinação de alcançá-lo, a humanidade estaria pronta agora para começar uma transição controlada, ordenada, de uma etapa de crescimento para outra de equilíbrio global”.<sup>7</sup>

Sabemos que a mensagem de *The Limits to Growth* não tem sido bem recebida por todos os que a leram. Embora nós mesmos não possamos concordar com várias de suas conclusões, não podemos deixar de reconhecer que a preocupação básica da obra tem plena justificativa.

Durante cento e trinta anos, a igreja adventista do sétimo dia vem falando da segunda vinda de Cristo e do fim do mundo. Por décadas ela tem sido criticada como alarmista. Agora, finalmente, nos últimos cinco anos especialmente, grupos diferentes de cientistas, em número crescente, começam a expressar sua preocupação pela sorte do ser humano sobre o planeta. Embora ao fazê-lo, nem de longe eles estejam aludindo à profecias bíblicas, suas conclusões apontam na mesma direção. A Bíblia apresenta a segunda vinda de Cristo como a solução divina para os problemas do homem e da História. Os cientistas falam simplesmente de catástrofes, de colapso.

O então secretário geral das Nações Unidas, U. Thant, dizia em 1966:

“Não desejo dar a impressão de que estou apresentando um quadro excessivamente dramático. Mas, baseado na informação de que dispoño como secretário geral, a única conclusão a que posso chegar é que os membros das Nações Unidas têm talvez dez anos para subordinar suas antigas disputas e iniciar uma associação mundial destinada a frear a corrida armamentista, a melhorar o ambiente em que se move o homem, a controlar a explosão demográfica e a proporcionar o impulso requerido aos esforços que se realizam para alcançar o desenvolvimento. Se se não consegue forjar essa associação global dentro da próxima década, temo então muito que os problemas que tenho mencionado terão alcançado tais proporções que já não os poderemos controlar”.<sup>8</sup>

Até poucas décadas atrás teria sido estranho que um cientista afirmasse estar o mundo chegando ao fim de suas possibilidades. A teoria do progresso contínuo e inevitável reinava nos círculos científicos. Mas hoje são os homens de ciência os que com maior veemência nos advertem que estamos chegando ao fim de um beco sem saída. É certo que muitos deles imaginam que o homem pode fazer ainda um derradeiro esforço para evitar o desastre total. Mas também é certo que, para isto, as únicas ferramentas que sugerem são um plano global e uma vontade de realizá-lo. Quão difícil é que o homem enfrente racionalmente os seus problemas em sua própria vida individual! Quanto mais remota não é então a possibilidade de que o

faça de modo global! E se chegar a fazê-lo, a única coisa que alcançaria seria simplesmente postergar um pouco o colapso.

Por que ocorre que a crise, que parece tão evidente hoje, não era suspeitada pelos cientistas há vinte, dez ou até mesmo há cinco anos atrás? Uma ilustração pode ajudar-nos. Apresenta a Meadows para ilustrar o conceito de crescimento exponencial. Suponhamos que você tenha um tanque em que cresce um nenúfar. Cada vinte e quatro horas o nenúfar duplica o seu tamanho. Se se deixar que o nenúfar cresça sem controle, em trinta dias cobrirá totalmente o tanque. Durante vários dias o nenúfar parece pequeno. Você o vê crescer sem maiores preocupações com as outras plantas, que também são conservadas no tanque. Passam-se vinte e nove dias e o nenúfar terá coberto “só” a metade do tanque. Quanto tempo mais passará até que o cubra por completo? Apenas um dia.

Segundo um número crescente de cientistas, o nenúfar do tanque do planeta parece haver chegado ao fim do seu vigésimo nono dia. Para a grande maioria dos habitantes da Terra, tudo parece ainda normal. Mas aqui nos salta aos olhos esta frase já citada: “Grandes mudanças estão prestes a ocorrer, e os últimos acontecimentos serão rápidos”.

Mais de uma vez tenho-me perguntado por que Deus tem esperado tanto para efetivar a volta de Cristo. Será que Ele resolveu esperar até que o homem chegue a dar-se conta por si mesmo de que está num beco sem saída?

“Mas daquele dia e hora ninguém sabe, nem mesmo os anjos do Céu, mas somente Meu Pai”.<sup>9</sup> Assim o entendeu Jesus. Mas Ele sabia também que o fim da História não chegaria como resultado da escassez global de alimentos, ou do esgotamento das reservas naturais, nem mesmo com o uso das armas como as que, pela primeira vez, o homem pode teoricamente autodestruir-se. Cristo sabia muito bem que o fim da História viria antes, não por ação do homem, mas em virtude do Seu próprio segundo advento. E hoje, quando tanto a Bíblia como a Ciência parecem coincidir uma vez mais, podemos bem repetir com João o apóstolo: “Aquele que testifica estas coisas diz: Certamente cedo venho. Amém. Ora, vem Senhor Jesus”.<sup>10</sup>

1. 3T, 280.

2. *Time*, 24 de janeiro de 1972, p. 39.

3. *UN Food and Agricultural Organization*, Roma, 1970, p. 41, citado em *Limits to Growth*, p. 54.

4. *Limits to Growth*, p. 54.

5. *First Annual Report of the Council on Environment Quality*, pp. 54, 55.

6. *Limits to Growth*, p. 66.

7. *Id.*, pp. 183, 184.

8. *Id.*, p. 17.

9. S. Mat. 24:36.

10. Apoc. 22:20.

# Um Estudo das Profecias Relativas ao Fim - 1

CARLOS D. PERRONE

Redator da Casa Editora Sudamericana

## Introdução

**“E** HAVERÁ sinais no Sol, na Lua e nas estrelas, e na Terra angústia das nações, em perplexidade pelo bramido do mar e das ondas”. S. Lucas 21:25.

Ninguém pode duvidar hoje da exatidão desta profecia de Jesus. O mundo vive angustiado em face do que está ocorrendo no presente. Mas Cristo acrescenta um detalhe mais, no qual poucas vezes pensamos: “Homens desmaiando de terror, pela expectação das coisas que hão de acontecer na Terra”. V. 26. Vale dizer, desfalecendo, ou desmaiando, em virtude do futuro. É-nos dito aqui claramente que o futuro chegaria a ser uma preocupação obsessiva e dominante nos homens destes tempos finais, a ponto de levar ao desmaio ante a expectativa.

Isto está se cumprindo de forma literal e terrível em nossos dias. Nunca houve outra época na História em que os homens — em todo o mundo de uma só vez — estivessem tão ansiosos por vislumbrar um futuro carregado de tão negros presságios. O que se faz hoje não depende tanto do passado como do que se espera no futuro. Os acontecimentos são tão rápidos e as mudanças tão profundas que vivemos como se o futuro nos caísse em cima, uma vez que o passado, embora próximo, vai-se afastando tanto de nós que quase o perdemos de vista. O lema de hoje não é “tradição”, mas “esquecimento e conta nova”. Ninguém quer ligação com o passado; e no desenfreado afã de “estar em dia” e não ficar relegados, indivíduos e nações entregam-se a uma louca corrida pela supremacia, de tal modo que ao observador inteligente não é difícil prever que terminará em desastre.

“Não vai longe o tempo em que os homens encontravam as melhores inspirações no passado; este era uma fonte, e freqüentemente o paradigma”, comenta o filósofo J. L. Garcia Venturini. “Nestes anos o passado vai servindo bastante menos, notando-se por outro lado um esforço por alcançar o conhecimento do futuro. Hoje se adverte da necessidade de antecipar o

porvir, e o grande apogeu da filosofia da História não se deve senão, em grande parte, a que nos encontramos, como nunca dantes, *carentes de profecia*”. — *Ante el Fim de la Historia*, Editorial Troquel, Buenos Aires, p. 28.

“Tu, porém, Daniel, fecha estas palavras e sela este livro até o tempo do fim” (Dan. 12:4), o Senhor disse ao profeta Daniel. Chegaria o tempo em que os homens necessitariam desesperadamente dessa profecia que o mesmo Daniel não podia compreender em sua plenitude. “Muitos correrão de uma parte para outra, e a ciência se multiplicará”, continua. Quer dizer, muitos percorreriam esta profecia com grande interesse e o conhecimento dela aumentaria. Hoje estamos nesse tempo.

“A época atual é de intenso interesse para todos os viventes. Os governantes e estadistas, os homens que ocupam postos de confiança e autoridade, os pensadores de ambos os sexos e de todas as classes, têm a atenção fixa nos sucesos que correm ao nosso redor. Observam as relações tensas e cheias de inquietação que existem entre as nações. Observam a intensidade que toma posse de cada elemento terreno, e reconhecem que está para ocorrer algo grandioso e decisivo, que o mundo está à beira de uma crise estupefata.

“Os anjos estão agora retendo os ventos das lutas, para que não soprem até que o mundo seja advertido de sua próxima condenação; mas está-se preparando uma tormenta, pronta para desabar sobre a Terra; e quando Deus ordenar a Seus anjos que soltem os ventos, haverá uma cena tal de luta que nenhuma pena poderá descrever.

“A Bíblia, e só a Bíblia, dá uma idéia exata destas coisas. Nela se revelam as grandes cenas finais da história de nosso mundo, sucessos que já projetam suas sombras, e que ao se aproximarem fazem tremer a Terra com o seu ruído e os homens desfalecer de terror”. — *La Educación*, p. 175.

Estes são os fatos que procuraremos elucidar

em nosso estudo. Nosso propósito ao estudar as profecias bíblicas referentes à última grande batalha entre o bem e o mal, com o triunfo definitivo do bem. Dando por entendido que o leitor conhece as profecias do Apocalipse e de Daniel, faremos uma análise mais global de todo o panorama profético, tal como o apresenta a Bíblia inteira em seu progressivo desenvolvimento através do tempo e dos diversos autores inspirados que a escreveram.

Antes de prosseguir, porém, queremos deixar bem assentadas as bases fundamentais sobre que descansará todo o peso da estrutura profética que haveremos de levantar peça por peça. Estabelecemos, portanto:

### Três Princípios Básicos de Interpretação

A irmã White, inspirada por Deus, nos dá uma pauta segura para seguir em nossa investigação. Diz ela: "A Bíblia interpreta-se a si mesma. Um texto deve ser comparado com outro. O estudante deve aprender a encarar a Palavra como um todo, e ver a relação de suas partes. Deve adquirir conhecimento de seu grandioso tema central, ou seja, do propósito original de Deus em relação ao mundo, da origem do grande conflito, e da obra de redenção. Deve compreender a natureza dos dois princípios que contendem pela supremacia, e aprender a divisar sua operação através dos relatos da História e profecia, até a grande consumação. Deve ver como este conflito entra em todos os aspectos da experiência humana. Como em cada ato da vida ele próprio revela um ou outro dos dois motivos antagônicos; e como, quer ele queira, quer não, está agora mesmo a decidir de que lado do conflito se encontrará". — Ed. pp. 416, 417.

Deste significativo tópico extraímos os três princípios seguintes:

1. A Bíblia é sua própria expositora, vale dizer, explica-se a si mesma. Devemos estudá-la tendo presente que toda ela é uma perfeita *unidade*, e comparando uma passagem com outra. Não há verdades "avulsas" na Bíblia, senão que cada uma delas forma parte de um todo harmônico. Toda doutrina que atente contra a unidade da Bíblia, isto é, que não possa ser sustentada pela Bíblia inteira, deve ser descartada.

2. O tema central da Bíblia, em torno do qual giram a História e a profecia, é o gravíssimo problema do pecado, desde sua malfadada aparição com Lúcifer e sua entrada na Terra, até a consumação final com sua completa erradicação, por obra do juízo e da misericórdia de Deus.

A Bíblia não é basicamente um manual para estudo da História. Todavia, ela se interessa pela história secular na medida em que esta

possa dar clareza àquele conflito milenar que logo chegará a sua fase decisiva com a segunda vinda de nosso Senhor, e que alcançará sua culminância definitiva ante o grande trono branco, depois do milênio.

"Não temos que lutar contra a carne e o sangue", disse Paulo aos efésios, "mas contra as hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais". Efés. 6:12.

De modo que nossa interpretação histórica da profecia deverá indicar linhas claras daquele grande conflito espiritual entre Miguel e Seus anjos e o dragão e seus anjos, e não cair em meras referências de fatos humanos sem maior conteúdo no contexto daquela guerra milenar.

3. A "obra da redenção" se inclui no tema central da Bíblia, já que "este conflito entra em toda fase da experiência humana". Enquanto Satanás procura arrastar os homens atrás de si e para a perdição, Deus pugna por salvá-los.

Acrescentamos às breves palavras desta citação que Cristo é o autor da "obra da redenção", e mediante o Seu sacrifício é poderoso para salvar aos que nEle confiam. Cristo estabelece um pacto de fé com Seu povo, a fim de redimi-lo por Sua graça. Este pacto é mais antigo que o mundo, foi planejado com o Pai em algum momento da eternidade, posto em vigência com a queda de Adão (Gên. 3:15), compreendido cabalmente por Enoque, o que "andou com Deus", foi revelado a Noé, concertado com Abraão e os patriarcas, entregue a Moisés e repetido pelos profetas e, finalmente, ampliado, engrandecido e ratificado com o sangue do Salvador de uma vez e para sempre.

Nesse pacto estamos os crentes de hoje, tanto quanto estiveram Adão, Enoque e Moisés. As formas externas mudaram, mas a essência é a mesma. Hoje temos maravilhosas revelações que os antigos não conheceram, mas o Mediador do pacto é o mesmo. Desde o começo do grande conflito, até sua completa erradicação, o povo de Deus não é outro que o povo do pacto. Não existem motivos de ordem etnológica ou geográfica que determinem quem são os filhos de Deus, senão a só aceitação do pacto pessoalmente pelo homem.

Por esta razão, depois da queda de Israel como povo escolhido, a igreja passa a ser o povo do pacto e nela se cumprem os propósitos de Deus para o Seu povo. Mas é necessário, para isto, prescindir de todo traço racial e topográfico das profecias relativas ao futuro do Israel literal, para aplicá-las a uma igreja sem limitação racial alguma, que está disseminada por todo o mundo. Ampliaremos este conceito nos artigos seguintes.

Sem dúvida estes três claros princípios nos ajudarão a avançar confiadamente neste estudo das profecias relativas ao fim. ●

# OS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA RESPONDEM A PERGUNTAS SOBRE DOCTRINA



CAMPEÕES DA IMORTALIDADE CONDICIONAL ATRAVÉS DOS SÉCULOS

## PERGUNTA 44

Referis-vos a outros que, através dos séculos, têm sustentado que a imortalidade só é concedida por ocasião da ressurreição; que os justos mortos dormem durante o ínterim da morte, até que, na ressurreição, os desperte o Doador de vida; e também, que os ímpios serão afinal destruídos. Quem são esses “condicionalistas?” Não são eles obscuros hereges, pois por assim dizer todos os sábios ortodoxos têm crido na imortalidade inata? Por bondade nomeai alguns dos exegetas aos quais vos referis, e citai alguns dos seus escritos.

**A** VERDADE não é, e nunca foi, estabelecida por maiorias humanas. A verdade teológica baseia-se sempre, e unicamente, na imutável Palavra de Deus, e é determinada por seus inspirados preceitos e princípios. Mas tem havido sempre piedosos e ilustrados campeões da verdade genuína. E este é positivamente o caso da imortalidade unicamente em Jesus Cristo e por Ele unicamente, por ocasião de Seu segundo advento. A imortalidade é um dom, cremos nós, concedido unicamente aos justos, que pela fé aceitaram a vida eterna em Cristo (S. João 3:16 e 36; S. João 11:25 e 26), ao manifestar-Se nosso Senhor (I S. João 5:11; I Cor. 15:51 e 53).

A linha de adeptos desta grande verdade bíblica tem sido mais constante, mais forte e mais ilustre do que a maioria de nós tem percebido. Com efeito, a linha dos seus defensores tem sido virtualmente contínua, dos tempos da Reforma para cá. Os nomes desses piedosos líderes cristãos e brilhantes exegetas, encontrados em cada geração, espalharam-se pelos séculos. Por exigüidade de espaço, aqui só poderemos citar alguns; mas o registo histórico é surpreendente. Para fazer justiça ao caso, teríamos de escrever alentado volume, mas os exemplos citados a seguir indicam o alto gabarito, e muitas vezes

as posições-chave ocupadas por esses adeptos do condicionalismo, como é muitas vezes chamado, ou seja: *vida unicamente em Cristo, mediante a ressurreição*. Os exemplos têm de limitar-se aos homens dos tempos da Reforma para cá.\*

\* Notemos que, anteriormente, os valdenses do Piemonte, em seu catecismo para instrução de seus jovens (Morland, *The History of the Evangelical Churches of the Valleys of the Piedmont*, 1658, p. 75), declararam que o homem é apenas “mortal”. E João Wicléf — que deles derivou muitos de seus conceitos evangélicos — mantinha igualmente que a imortalidade seria concedida por ocasião da ressurreição, e que os mortos não podem agora receber benefício de orações, mas estão “totalmente mortos”, dizendo-se que “estão dormindo”.

A refulgência da relação de nomes que se seguem, certo indica que o epíteto “herege”, em contraste com a “ortodoxia” da maioria, não pode com justiça aplicar-se a esse notável grupo de líderes cristãos: bispos, arcebispos, arcebispos, deões, cônegos, presbíteros, professores, lingüistas, tradutores da Bíblia, exegetas, administradores, diretores, pastores, editores, poetas, cientistas, causídicos, filósofos, e mesmo um primeiro-ministro — cujos nomes têm adornado o púlpito da igreja cristã e têm merecido a confiança e respeito de seus colegas.

Esses homens, além do mais, participavam das mais diversas crenças: Luterana, Reformada,

Anglicana, Batista, Congregacional, Presbiteriana, Metodista, etc. E não só se estendem através de quatro séculos, mas *existem hoje nos altos círculos eclesiásticos*. E cremos que se eles, cujos nomes continuam honrados, reverenciados e incontestados em suas respectivas filiações eclesiásticas, não eram considerados hereges por assim crer e ensinar, então, pelo mesmo motivo tampouco nós, nem quaisquer outros contemporâneos (como o falecido Arcebispo de Cantuária, Dr. William Temple, primaz anglicano da Grã-Bretanha), que conscienciosamente sustentam a mesma fé, podem com justiça ser acusados de heresia por assim crer.

### Ambiente Histórico

Em 19 de dezembro de 1513, quando da oitava sessão do quinto Concílio de Latrão, o Papa Leão X publicou uma bula (*Apostolici regimis*) na qual declara: "Condenamos e reprovamos todos os que afirmam que a alma inteligente seja mortal" (*Damnamus et reprobamus omnes assertentes animam intellectivam mortalem esse*). Essa bula dirigia-se contra a crescente "heresia" dos que negavam a imortalidade natural da alma, e defendiam a imortalidade condicional do homem. A bula decretava também que "todos os que aderirem a semelhantes asserções errôneas sejam evitados e punidos como hereges". Os decretos deste Concílio, convém notar, foram todos publicados em forma de bulas ou constituições (H. J. Schroeder, *Disciplinary Decrees of the General Councils*, 1937, pp. 483 e 487).

Em 1516 Pietro Pomponatius, de Mântua, notável professor italiano, e líder dos Averberristas (que negavam a imortalidade da alma), publicou um livro de combate a essa fé, intitulado *Tratado Sobre a Imortalidade da Alma*. Teve muitos leitores, especialmente nas universidades italianas. Em resultado, foi arrastado diante da Inquisição, e seu livro queimado publicamente, em Veneza.

Então, em 31 de outubro de 1517, Lutero afixou suas famosas Teses na porta da igreja de Wittenberg. Em sua Defesa de 41 de suas posições, publicadas em 1520, Lutero citou a declaração de imortalidade, do Papa, como sendo "uma dessas opiniões monstruosas encontradas no monturo das decretais" (proposição 27). Na vigésima sétima proposição de sua Defesa, Lutero disse:

Entretanto, permito que o Papa estabeleça artigos de fé para si mesmo e para seus fiéis, isto é: Que o pão e o vinho se transubstanciam no sacramento; que a essência de Deus não gera nem é gerada; que a alma é a forma substancial do corpo humano; que ele [o Papa] é imperador do mundo e rei do Céu, e deus terrestre; que a alma é imortal; e todas essas intermináveis mons-

truosidades do monturo romano de decretais — a fim de que, tal como sua fé, seja seu evangelho, tais também seus fiéis, e tal sua igreja, e que os lábios possam ter alface adequada, e a tampa seja digna da iguaria. — Martinho Lutero, *Assertio Omnium Articulorum M. Lutheri per Bullam Leonis X. Novissimam Damnatorum* (Asserção de todos os artigos de M. Lutero condenados pela última Bula de Leão X), artigo 27, edição de Weimar das Obras de Lutero, Vol. 7, pp. 131 e 132 (exposição, ponto por ponto, de sua atitude, escrita em 1.º de dezembro de 1520, em resposta a pedidos de um tratado mais completo do que o exposto em seu *Adversus Execrabilem Antichristi Bullam, e Wider die Bulle des Endchrists*).

O arcebispo Francis Blackburne declara, em seu *Short Historical View of the Controversy Concerning an Intermediate State*, de 1765:

Lutero esposou a doutrina do sono da alma, com base nas Escrituras, e então fez dela uso para negar o purgatório e a adoração dos santos, e nessa crença continuou até ao último momento de sua vida. — p. 14.

Em apoio, Blackburne tem um extenso apêndice tratando dos ensinamentos de Lutero, expostos em seus escritos, e estuda as acusações e contra-acusações.\*

Seguem algumas das principais testemunhas dos últimos séculos, com Lutero e Tyndale em mais pormenores:

### Século Dezesseis

MARTINHO LUTERO (1493-1546), reformador alemão e tradutor da Bíblia.

A causa imediata da posição de Lutero quanto ao sono da alma foi a questão do purgatório, com o seu postulado do tormento consciente de almas angustiadas. Conquanto Lutero nem sempre seja coerente, a nota predominante em todos os seus escritos é que as almas dormem em

\* O douto luterano, Dr. T. A. Kantonen (*The Christian Hope*, 1594, p. 37), referiu-se igualmente à posição de Lutero, nestes termos:

"Lutero, com maior ênfase sobre a ressurreição, preferiu concentrar-se na metáfora escriturística do sono. 'Pois justamente como alguém que adormece e alcança inesperadamente a manhã ao acordar, sem saber o que lhe aconteceu, assim de súbito ressurgiremos no último dia, sem saber como morremos e como vencemos a morte'. 'Dormiremos, até que Ele venha e bata à porta do pequenino sepulcro e diga: Doutor Martinho, levante-se! Então me levantarei num momento, e com Ele estarei, feliz para sempre'".

paz, sem consciência nem sofrimento. Os cristãos falecidos não se apercebem de coisa alguma: não vêem, não sentem, não entendem e não estão conscientes da sucessão dos acontecimentos. Lutero sustentava, e periodicamente afirmava que, no sono da morte, como no sono físico normal, há completa inconsciência e despercebimento da condição de morto ou da passagem do tempo.\*\* A morte é um sono, profundo e

doce sono.\*\*\* E os mortos permanecerão adormecidos até ao dia da ressurreição,\*\*\*\* a qual abrange corpo e alma, quando ambos se reunirem de novo.\*\*\*\*\*

Eis algumas citações de Lutero:

Salomão conclui que os mortos estão dormindo, e não sentem nada, absolutamente. Pois os mortos ali jazem, sem contar os dias nem os anos, mas quando são despertados, terão a impressão de ter dormido apenas um minuto. — *An Exposition of Salomon's Book, called Ecclesiast. or the Preacher*, 1573, folio 151v.

Mas nós cristãos, que fomos redimidos de tudo isso, pelo sangue precioso do Filho de Deus, devemos educar-nos e acostumar-nos, com fé, a desprezar a morte e considerá-la um sono profundo, intenso e doce; a considerar o esquecimento nada mais que o seio do Senhor Jesus ou Paraíso, a sepultura coisa nenhuma senão um brando e confortável leito para repousar. Verdadeiramente, diante de Deus, é na realidade justamente isto; pois Ele testifica, em S. João 11:11: Lázaro, o nosso amigo, dorme; S. Mateus 9:24: A menina não está morta, mas dorme. Assim, também, S. Paulo em I Coríntios 15, remove da vista todos os aspectos odiosos da morte em relação ao nosso corpo mortal, e não apresenta nada mais que aspectos encantadores e jubilosos da vida prometida. Diz ele ali [vv. 42, etc.]: Semeia-se o corpo em corrupção; ressuscitará em incorrupção. Semeia-se em ignomínia (isto é, forma indigna, abominável), ressuscitará em glória. Semeia-se em fraqueza, ressuscitará com vigor. Semeia-se corpo animal, ressuscitará corpo espiritual. — "Christian Song Latin and German, for Use at Funerals", 1542, em *Works of Luther* (1932), vol. 6, pp. 287 e 288.

-----

\*\* Ver "Auslegung des Ersten Buches Mose" (1544), em *Schriften*, vol. 1, col. 1756; "Kirken Postille" (1528), em *Schriften*, vol. 11, col. 1143; *Schriften*, vol. 2, col. 1069; *Deutsche Schriften* (ed. de Erlangen, vol. 11, p. 142 etc.; vol. 41 (1525), p. 373.

\*\*\* "Catechistische Schriften" (1542), em *Schriften*, vol. 11, pp. 287 e 288.

\*\*\*\* "Auslegungen ueber die Psalmen" (3) em 1533, em *Schriften*, vol. 4, pp. 323 e 324.

\*\*\*\*\* "Am Zweiten Sonntage nach Trinitatis", "Haus-Postille", em *Schriften*, vol. 13, col. 2153; "Predigt ueber I Cor. 15: (54-57)", 1533, "Auslegung des neuen Testament", em *Schriften*, vol. 8, col. 1340.

Assim após a morte a alma vai para sua alcova e sua paz, e enquanto dorme não reconhece seu sono, e Deus na verdade assegura o despertar da alma. Deus é capaz de despertar Elias, Moisés e outros, e assim os controlar, de modo que vivam. Mas como pode ser isto? Isto não sabemos; satisfazemo-nos com o exemplo do sono físico, e com o que Deus diz: é um sono, um repouso, uma paz. Aquele que dorme naturalmente nada sabe do que acontece em casa do vizinho; e não obstante, ele está vivo ainda, embora, contrariamente à natureza da vida, ele esteja inconsciente em seu sono. Exatamente a mesma coisa acontecerá também naquela vida, mas de maneira diferente e melhor. \* — "Ersten Buches Mose", em *Schriften*, vol. 1, cols. 1759 e 1760.

Eis outro exemplo:

Devemos aprender a olhar à nossa morte da maneira devida, de modo que não fiquemos alarmados por sua causa, como faz a incredulidade; porque em Cristo realmente não é morta, mas um excelente, doce e breve sono, que nos traz alívio deste vale de lágrimas, do pecado e do temor e extremidade da verdadeira morte e de todos os infortúnios desta vida, e estaremos em segurança e sem cuidados, repousando doce e suavemente por um breve instante, como num divã, até ao tempo em que Ele nos chamará e despertará, juntamente com todos os Seus queridos filhos, para Sua eterna glória e

alegria. Pois, já que lhe chamamos sono, sabemos que não permaneceremos nele, mas despertar-nos-emos e viveremos, e o tempo durante o qual dormimos, não parecerá mais longo do que se apenas acabamos de adormecer. Dai, havemos de censurar-nos por nos termos surpreendido ou alarmado ante tal sono na hora da morte, e subitamente surgiremos vivos da sepultura e da decomposição, e em perfeito bem-estar, novos, com vida pura, clara, glorificada, ao encontro de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo nas nuvens. (...)

A Escritura por toda parte apresenta essa consolação, falando da morte dos santos, como se eles tivessem adormecido e fossem reunidos a seus pais, isto é, tivessem vencido a morte mediante essa fé e conforto em Cristo, e aguardado a ressurreição, juntamente com os santos que os precederam na morte. — *A Compend of Luther's Theology*, editado por Hugh Thompson Ker, Jr., p. 242.

-----

\* Em sua tese de Doutor em Letras (1946), "A Study of Martin Luther's Teaching Concerning the State of the Dead", T. N. Ketola, relacionando as referências de Lutero à morte como um sono (encontradas em suas *Sämmtliche Schriften*, Walsh's Concordia, ed. 1904), cita 125 específicas referências de Lutero à morte como um sono. Ketola cita outro grupo menor de referências mostrando que Lutero cria na consciência periódica de alguns. Mas o ponto principal é que, conquanto os mortos vivam, estão inconscientes — o que ele declara umas sete vezes.

WILLIAM TYNDALE (1484-1536), tradutor da Bíblia para o inglês, e mártir.

Na Grã-Bretanha, William Tyndale, tradutor da Bíblia para o inglês, tomou a defesa do renovado ensino da imortalidade condicional. Este, bem como outros ensinos, levaram-no em conflito direto com o campeão do Papa, Sir Tomás More, também da Inglaterra. Em 1529 More fizera fortes objeções à "pestilente seita" representada por Tyndale e Lutero, porque sustentavam que "todas as almas jazem e dormem até ao dia do juízo". Em 1530 Tyndale respondeu vigorosamente, declarando:

E vós, colocando-as [as almas que partiram] no Céu, no inferno ou no purgatório, destruíis os argumentos mediante os quais Cristo e Paulo provam a ressurreição. (...) E mais, se as almas estão no Céu, dizei-me porque não estão em tão boas condições como os anjos? E então, que motivo existe para a ressurreição? — William Tyndale, *An Answer to Sir Thomas More's Dialogue* (Parker's 1850, reimpressão), livro 4, cap. 4, pp. 180 e 181.

Tyndale penetrou no coração da questão, focalizando a oposição do Papa aos ensinos de "filósofos pagãos", buscando firmar sua asserção de imortalidade inata.

Assim:

A verdadeira fé apresenta a ressurreição, da qual convém estarmos apercebidos a toda hora. Os filósofos pagãos, negando-as alegavam que as almas viviam sempre. E o Papa ajunta numa só a doutrina de Cristo e a carnal doutrina dos filósofos — coisas tão contraditórias que não podem concordar, não mais do que o fazem o Espírito e a carne num homem cristão. E por isso que o Papa, de espírito carnal, concorda com doutrina pagã, ele corrompe as Escrituras para isso sustentar. — *Id.*, p. 180. (continua no próximo número)

# Ilustrações

## Inimigo Traiçoeiro

A tentação é inimigo insone e incansável. Os pais peregrinos escoceses e irlandeses que se estabeleceram nos desertos da Pensilvânia Ocidental (EE. UU.) e os conquistaram, ao empenharem-se em sua lida diária, derrubando as matas, cultivando o solo, cuidando dos rebanhos, faziam-no sempre lembrados de que havia um inimigo cruel, astuto, implacável e sedento de sangue; sempre vigilante, a espera da oportunidade de apanhar o conquistador desprevenido para desferir-lhe um tiro ou o golpe fatal de seus "tomahawks" e sobre ele precipitar-se armado dum punhal assassino.

Assim, embora muitas vezes estejamos inteiramente esquecidos do fato, vós e eu temos um inimigo que espregueita a espera de apanhar-nos desprevenidos; e o inimigo não dormita, nem perde a paciência. Que convincente figura usou o Senhor ao falar com Caim, advertindo-o contra a tentação do ódio e ciúme que, afinal, o levou à prática de seu crime terrível: "O pecado jaz à porta" (Gên. 4:7). A figura é de um animal bravo, rastejante, escondido atrás de uma rocha ou árvore, espregueitando e esperando o momento de dar o bote fatal.

## Salvação

Em Tunbridge, Inglaterra, há um monumento erigido à memória de um grupo de ciganos, trabalhadores dos campos de lúpulo, e que guiavam um carro, descuidados, cantando e rindo; ao atravessarem uma ponte sobre o rio Medway, foram de encontro ao parapeito e, carro, cavalos e ciganos foram atirados às águas do rio.

Um jovem cigano agarrou-se a um cavalo

que nadava correnteza abaixo, montou-o e procurou atenta e ansiosamente a sua mãe. Por fim viu-a e pôde agarrá-la; ela, porém, debateu-se de maneira tal que ele não a pôde salvar. Quando as vítimas estavam sendo sepultadas no pátio da igreja, o rapaz que buscara em vão salvar a mãe, ajoelhou-se junto à cova que continha os caixões de todos os que haviam morrido, e disse: "Mamãe, mamãe! Eu busquei salvá-la. Fiz tudo quanto um homem poderia haver feito, mas a senhora não me permitiu!"

O mesmo disse Jesus certa ocasião: "Não quereis vir a Mim para terdes vida" (S. João 5:40). O próprio Cristo não nos pode salvar sem que queiramos ser salvos.

## Responsabilidade

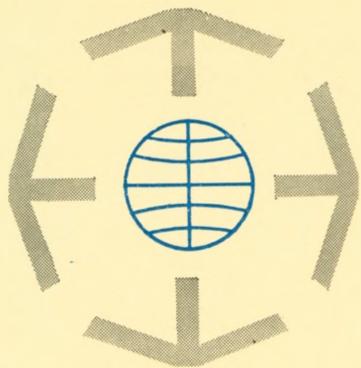
Daniel Webster, perguntado sobre qual fora o maior pensamento que havia tido aquele cérebro extraordinário, respondeu: "A minha responsabilidade para com Deus". A vida é uma grande viagem, com panoramas excepcionais vislumbrados por entre as nuvens e a cerração, que nos obscurecem o seu deslumbramento. Devemos, porém, viajar com o senso da nossa responsabilidade para com Deus. Não com o senso atribuído pelo poeta em sua bem conhecida produção "Invictus", mas no senso elevado e solene da Escritura.

Sou o senhor do meu destino:

Comandante de minha alma.

Tratai de comandar bem a vossa batalha. Não espereis que outra pessoa qualquer por vós lute, ore, ou sofra. Tornai o homem de hoje o amigo, e não o inimigo, do homem de amanhã.

# NOTAS



# BREVES

\* Quinze membros da Liga da Boa Vontade e para a Justiça Universal formaram um piquete e foram à loja Hecht Co.'s a fim de protestar contra a abertura dessa famosa loja aos domingos, em Washington, D. C. A razão, disseram, é que a abertura da loja aos domingos está desviando os membros da congregação dos cultos dominicais, no distrito. "Eles estão tirando a nossa congregação", disse o Rev. Clyde L. Hargraves, da igreja batista de Little Ark. O Rev. sustenta que o número de membros de sua congregação vem diminuindo desde que a Hecht e outras lojas no distrito obtiveram licença para abrir aos domingos.

\* Negociações secretas entre o governo da Colômbia e o Vaticano resultaram na assinatura de uma nova concordata entre o Vaticano e o governo colombiano. O tratado foi assinado a 13 de julho último, e no seu artigo I declara que "a religião católica é um elemento fundamental do bem comum e do integral desenvolvimento da comunidade nacional". O artigo XXI autoriza o Estado, "quando necessário", a colaborar "na execução de decisões dos tribunais eclesiásticos". O artigo XII autoriza o ensino católico nas escolas públicas, e o artigo XI determina que o governo forneça auxílio financeiro às escolas particulares católicas.

\* O cardeal Vincente Henrique y Tarancon de Madri reclamou uma fundamental revisão das relações entre Igreja e Estado na Espanha. Nu-

ma entrevista ao jornal católico *Ya*, de Madri, ele se referiu à concordata de 1953, na qual a igreja católica é declarada igreja oficial do Estado Espanhol, e concede outros privilégios à religião católica romana, além de garantir ao governo o direito de nomear bispos residenciais, de uma lista de três indicados pelo papa.

\* Os batistas poderiam concordar com os "secularistas" de que "qualquer dia pode ser considerado dia de repouso", mediante decisão imposta por lei, sem que isto signifique violação dos princípios batistas, segundo declaração de John W. Baker, diretor associado da Junta Batista de Bem-Estar Público. "Qualquer dia", inclusive, mas "não somente o domingo", desde que se subentenda que a medida tenha caráter puramente secular, e não religioso, e a posição dos batistas seja somente individual, e não como uma instituição religiosa", afirma ele.

Cinco senadores apresentaram uma emenda ao *National Labor Relations Act*, pela qual a pessoa cuja fé religiosa lhe proíba unir-se a qualquer associação de classe, não poderá ficar privada do direito de trabalhar, ou obter emprego. Pelo Ato que rege as relações emprego-trabalho, uma pessoa só pode trabalhar ou obter emprego se estiver filiada a uma associação de classe (sindicatos), o que tem trazido graves problemas para pessoas que desejam ser fiéis a sua fé religiosa mas necessitam de emprego.

## 1974, É HORA DE COLHER!

Para que este ano seja um ano de real e permanente colheita, lembre-se que deve cuidar que:

1. A *Comissão de Evangelização* trabalhe, avaliando a marcha do plano no ano em curso.
2. O *arquivo de interessados* seja mantido em dia e seja usado intensamente para alcançar o fim de cultivar o interesse despertado e levar à decisão. O arquivo de interessados e o batistério são bons amigos.
3. Haja *classe batismais ativas*. Não só uma por semana, mas várias, e não só a cargo do Pastor, mas também de oficiais da igreja capacitados, não como algo secundário na igreja, mas como atividade vital que recebe todo o apoio e publicidade necessários.
4. Sejam realizados *batismos trimestrais* pelo menos. O ideal seria um batismo por mês em algum lugar do distrito.
5. Surja *uma nova igreja* de cada igreja organizada, seja por desmembramento da igreja-mãe, ou por campanha evangelística. Dividir para multiplicar.
6. Sejam *construídos novos templos e capelas* para abrigar os novos membros unidos à igreja.
7. *Todos oremos* como nunca dantes, pedindo o derramamento do Espírito Santo, para que amadureça o que foi semeado e tenhamos uma boa colheita de almas em 1974.

● **MINISTÉRIO ADVENTISTA** — Publicado bimestralmente pela ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA IGREJA ADVENTISTA DO 7.º DIA — Editado pela Casa Publicadora Brasileira, Av. Pereira Barreto, 42 — 09000 - Sto. André, São Paulo.

Ano 40 Maio-Junho 1974 N.º 3

**DIRETOR** —  
RUBÉN PEREYRA

**GERENTE GERAL** —  
BERNARDO E. SCHÜNEMANN

**REDATOR** —  
CARLOS A. TREZZA

**COLABORADORES** —  
R. A. WILCOX, ENOQUE DE OLIVEIRA

**DEPTO. DE ARTE** —  
HENRIQUE C. KAERCHER

Assinatura Anual ..... US\$ 3,00  
Número Avulso ..... US\$ 0,50

### NESTE NÚMERO

<b>De Coração a Coração:</b>	
<b>Creecerá ou Diminuirá?</b>	2
<b>Evangelismo:</b>	
<b>Evangelismo — Nossa Obra Principal</b>	4
<b>Pastoral:</b>	
<b>O Pregador e Seu Lar</b>	6
<b>Ano da Colheita:</b>	
<b>Evangelização num Acampamento</b>	8
<b>Artigos Gerais:</b>	
<b>A Cristologia do Apocalipse</b>	9
<b>Daquele Dia e Hora Ninguém Sabe</b>	10
<b>Um Estudo das Profecias Relativas ao Fim</b>	17
<b>Os Adventistas do Sétimo Dia Respondem a Perguntas Sobre Doutrinas</b>	19
<b>Ilustrações</b>	22
<b>Notas Breves</b>	23
<b>Aviso</b>	24